
Educação Física

Julia Abreu de Castro

Hip Hop no currículo do Estado de São Paulo: possibilidades e desafios



Rio Claro
2016

Julia Abreu de Castro

Hip Hop no Currículo do Estado de São Paulo: Possibilidades e desafios

Orientador: Fernanda Moreto Impolcetto

Co-orientador: Vitor Abdias Cabót Germano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Rio Claro
2016

796.07 Castro, Julia Abreu de
C355h Hip hop no currículo do Estado de São Paulo :
possibilidades e desafios / Julia Abreu de Castro. - Rio Claro,
2016
42 f. : il., figs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro
Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto
Coorientador: Vitor Abdias Cabót Germano

1. Educação física - estudo e ensino. 2. Educação física
escolar. 3. Dança. I. Título.

AGRADECIMENTOS

É difícil me expressar nesse momento, pois quem esteve por perto sabe o quanto eu esperei e quis “me formar”, parecia tão distante agora está aqui, um sonho se realizando. Foram quatro anos de UNESP, com muitas histórias e aprendizados que vou carregar comigo por toda minha vida.

Começo agradecendo as pessoas mais importantes da minha vida, minha família, em especial, meus pais. Mãe e Pai, sou eternamente grata por toda dedicação a mim, vocês são meu maior incentivo e inspiração, essa conquista é nossa, obrigada pela paciência, conselhos e todo o apoio, essa jornada seria impossível sem vocês por perto, obrigada por serem os melhores! Amo muito vocês! Aos meus irmãos, Daniel por dividir a cozinha nas longas madrugadas de trabalho, e Lucas que mesmo de longe me motivou durante toda minha graduação. Valeu Brothers, amo vocês!

Aos meus avós, vovó Zezé e vovô Manoel, que são uma das maiores razões da minha vida, e sei que me formar é motivo de muita alegria para vocês, muito obrigada por serem os melhores avós do mundo, vocês são tudo para mim!

Ao meu namorado, melhor amigo e parceiro de todas as horas, Rafael, que principalmente nos momentos finais continuou me apoiando com toda paciência do mundo, te amo!

A minha família de coração, meus tios Roque e Sumaia, Bete e Eurico, Rose e Carlinhos, Diva e Fred, e minhas irmãs de coração Lais e Tamara, que estão sempre presentes em minha vida.

As amigas de infância, Leticia, Gabi, Talita, Karen, Gi, Marjory e Mayra que me aguentam a tantos anos e nesse momento, mesmo que de longe, sempre estavam “por perto” de alguma forma!

A todos do “Estúdio de dança Marta Brunelli” que me inspiram e motivam a continuar com a dança todos os dias. Em especial, à Marta que vai muito além de uma professora, a admiração e amor que sinto por você é indescritível, é como uma segunda mãe para mim, serei grata por toda minha vida!

As “minas” da MinaMora, Leticia Bronel, Leticia Roesler, Marina, Bruna, Núbia e Mayara, e também ao Thomas, que se tornaram minha segunda família nesses quatro anos, muito obrigada por todas as lembranças, vocês são muito especiais para mim, acreditem! Levarei vocês para sempre comigo!

A turma da “panela” que fez minha graduação muito mais divertida, e também ao “PaneLEF”, Roro, Thotho e Migs, obrigada por dividirem comigo esses momentos tão especiais da licenciatura, amo vocês!!!

Não poderia deixar de agradecer o casal que me “adotou” na graduação, Ellen e Rodrigo, vocês foram e são, essenciais para mim.

A Cia Éxciton, que me acompanhou por toda graduação, e a todos os “eternos integrantes” que me proporcionaram muitos ensinamentos, momentos de alegria, de cansaço, danças, amizades, inspirações, enfim, é difícil falar dessa experiência, posso afirmar que de todo meu crescimento pessoal e profissional grande parte foi por esse grupo inspirador! A amiga especial Marcela que a Cia Éxciton me deu de presente, obrigada por esta sintonia.

Agradeço imensamente a minha orientadora, professora Fernanda que me aceitou e acolheu de braços abertos, pelo apoio durante todo o processo e ainda por ter me apresentado a licenciatura fazendo com que eu mudasse todo meu rumo de formação, muito obrigada pela oportunidade!

Ao meu co-orientador Vitinho, que foi mais do que essencial, fica difícil mensurar o quanto você foi importante! Muito obrigada pelo apoio, incentivo, paciência e principalmente por todos os ensinamentos!

Enfim, muito obrigada a todos que estiveram presentes durante esses lindos 4 anos. Serei eternamente grata a cada um de vocês!!!

RESUMO

O *Hip Hop* é considerado uma cultura, que surge nos guetos de Nova Iorque nos Estados Unidos, aproximadamente em 1970, como um movimento social iniciado em sua grande parte por negros, se tornando popular no Brasil em São Paulo em meados da década de 1980. A cultura *Hip Hop* envolve basicamente quatro elementos sendo esses, representando o campo da música, o MC (mestre de cerimônia) e o DJ (*disc jockey* responsável pela produção musical), representando a dança o *B-boy* (*break e street dancer*), e as artes visuais com o Grafite (expressão gráfica da cultura urbana). Desde 2008 o *Hip Hop* foi incluído como conteúdo da disciplina de Educação Física proposto pelo Currículo do Estado de São Paulo, nos anos finais do ensino fundamental (9º ano) e do ensino médio (3º ano). Contudo, apesar das diversas possibilidades que a modalidade pode oferecer, e no Currículo do Estado de São Paulo conter orientações para aplicações do conteúdo, distribuídos em contextualização histórica e ênfase no *street dance*, pouco se sabe como ocorre, e se ocorre, o desenvolvimento deste conteúdo nas escolas. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi investigar como o conteúdo *Hip-Hop* é desenvolvido, a partir do currículo do Estado de São Paulo, por professores de Educação Física. Foi utilizado como metodologia uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de duas etapas: Etapa 1: Entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. Etapa 2: elaboração de um vídeo didático relacionado a temática do *Hip Hop*. Deste modo, foi possível constatar que os professores utilizam o material da proposta curricular e consideram um conteúdo possível para se tratar na escola, porém ainda existem diversas dificuldades, tornando-se necessário o uso de outros materiais que possam auxiliar na prática pedagógica do professor.

Palavras-chave: *Hip Hop*; Educação Física Escolar; Dança; Currículo do Estado de São Paulo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA E <i>HIP HOP</i>	11
2.1. Um pouco da história do <i>Hip Hop</i>	13
3. A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	18
4. MÉTODO	21
4.1 Etapa 1 - Entrevistas	22
4.2 Etapa 2 – Elaboração de Vídeo	24
4.3 Participantes da pesquisa	24
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
5.1 O <i>Hip Hop</i> no Currículo do Estado de São Paulo: utilização pelos professores, aspectos positivos e negativos.....	26
5.2 Dificuldades para trabalhar com o conteúdo de <i>Hip Hop</i>	29
5.3 Facilidades para trabalhar com o conteúdo de <i>Hip Hop</i>	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DO VÍDEO	42

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, surgem na Educação Física escolar diferentes concepções que buscaram superar o modelo esportivista, cuja formação foi caracterizada como mecânica e tecnicista, que valorizava excessivamente o desempenho. O Movimento Renovador, deu origem à diversas abordagens pedagógicas, como: psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista, crítico-superadora, crítico-emancipatória, saúde renovada, entre outras (DARIDO & RANGEL, 2005).

A Educação Física, tem uma longa história relacionada com a produção cultural da humanidade, uma tradição e um conhecimento relacionado às diversas práticas corporais que compreendem os jogos, esportes, lutas, danças e ginásticas e esses elementos são considerados como os conteúdos da Educação Física na escola (SOARES et al., 1992; BRASIL, 1998).

A Educação Física escolar, passou por diversas transformações nos últimos anos como, por exemplo, a elaboração de currículos em diversos Estados do país, como no Estado de São Paulo, com a elaboração de um currículo, com cadernos para professores e alunos (SÃO PAULO, 2011). A cultura corporal de movimento tornou-se comum na sociedade contemporânea a partir da grande divulgação das mídias. Em especial, a TV pode ser a grande responsável por transmitir muitas informações sobre a cultura corporal para as pessoas e tais informações hoje se encontram muito presentes em outras mídias, como a internet, alcançando o público jovem que está presente nas escolas (BETTI, 2001). Com isso, devido ao grande acesso a essas mídias os jovens estão com grande conhecimento acerca da cultura corporal, logo ocorre também, a necessidade de um aumento da diversidade de temas atuais a serem trabalhados na escola.

É importante salientar que tais temas devem ser abordados de maneira integral envolvendo todas as dimensões de conteúdo, segundo Darido (2005), a Educação Física historicamente priorizou basicamente conteúdos na dimensão procedimental, ou seja, o “saber fazer” e com isso acabou deixando de lado outras dimensões que são igualmente importantes, como a conceitual que se relaciona ao “saber sobre” a cultura corporal e por fim a atitudinal que consiste da incorporação pelos alunos de valores e atitudes, como respeito, justiça,

solidariedade, prezar pela não violência, entre outros. Com os conteúdos sendo tratados nas três dimensões, abordando os diferentes aspectos que compõem as suas significações, será garantido um ensino de qualidade com conteúdos diversificados (DARIDO, 2005).

Exercendo influência sobre os diversos conteúdos, se encontram as culturas juvenis, que envolvem uma série de práticas que fazem parte da cultura corporal como, por exemplo, o *parkour*, o *skate*, o *Hip Hop* entre outras manifestações.

Para o presente estudo daremos enfoque para a cultura *Hip Hop*, que desde 2008 foi incluída como conteúdo da disciplina de Educação Física, proposta pelo Currículo do Estado de São Paulo, para os anos finais do Ensino Fundamental (9º ano) e no Ensino Médio (3º ano), pertencendo aos conteúdos de atividades rítmicas.

Acredita-se que a escolha se justifica no currículo por ser um conteúdo que pode trazer grande interesse aos alunos por ter proximidade com sua realidade fazendo parte do cotidiano dos mesmos, tornando-se importante compreender essa manifestação. Germano (2015) corrobora com esse fato afirmando, a partir dos dados obtidos em seu estudo, que o *Hip Hop* é uma temática viável para os professores que buscam diversidade em suas aulas abordando esta prática corporal.

Entretanto é notório que muitos professores sentem dificuldade para ministrar alguns conteúdos desse currículo, que a partir da análise de alguns autores apresenta informações superficiais: “O tom informativo e instrumental sobrepõe-se a qualquer preocupação com o desenvolvimento de uma postura crítica por parte dos educadores e, conseqüentemente, dos educandos” (NEIRA, 2011, p. 25).

A cultura *Hip Hop* envolve basicamente quatro elementos que representam: o campo da música, o MC (mestre de cerimônia) e o DJ (*disc jockey* responsável pela produção musical); a dança, por meio do *B-boy* (*break e street dancer*) e as artes visuais com o Grafite (expressão gráfica da cultura urbana) (SÃO PAULO, 2008). Cada um deles individualmente já é um sistema complexo, possui uma história individual bem como características específicas.

O *Hip Hop* como conteúdo no currículo do Estado de São Paulo, deveria ser abordado como uma forma de expressão sociocultural, pontuando seus

diferentes elementos. Contudo na prática não é bem o que acontece, pois o *Street Dance* (representante da dança na cultura), acaba por não ser ensinado na maioria das vezes, provavelmente pelo fato dos professores apresentarem dificuldade e justificam o não tratamento da dança pela falta de segurança em como ensiná-la (GERMANO, 2015).

No universo escolar, assim como outros conteúdos, a dança na maioria das vezes não é valorizada. Segundo Rosário e Darido (2005), os conteúdos menos utilizados nas aulas de Educação Física são: as lutas, as atividades rítmicas e a dança, devido à pouca tradição dessas práticas na história dessa disciplina. A dança mais especificamente, passa por um momento contraditório nas escolas onde os professores dificilmente utilizam como conteúdo, porém é utilizada frequentemente nas datas comemorativas (MARQUES, 2010). Portanto percebe-se que a dança dificilmente está presente como conteúdo nas escolas ou aparece como uma atividade extracurricular.

Visando refletir sobre a situação em que se encontra a dança na escola, uma opção que poderia partir das instituições educacionais que, muitas vezes, não difundem esse conteúdo da cultura corporal, por diferentes motivos, seria buscar relações com elementos da sociedade atual por meio das manifestações rítmicas, uma vez que se tratam de fenômenos socioculturais como por *Hip Hop* e *Street Dance* (GERMANO, 2015).

Por ter grande proximidade com a realidade e cotidiano dos jovens, o *Hip Hop* favorece o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, e ainda com sua criação na rua seus movimentos tem um caráter mais livre tornando-se uma modalidade mais acessível e despertando maior interesse dos alunos. Como outra vantagem é o fato do movimento envolver três diferentes tipos de artes (dança, música e artes visuais), possibilitando uma maior diversidade nas aulas.

Em relação ao elemento de artes visuais, o *Hip Hop* traz o grafite como representante e esse por muitas vezes sofre um grande preconceito por parte dos próprios professores e da direção da escola por simplesmente não o compreenderem como uma forma de expressão e acabam associando a “pichação”, a algo sujo. Por isso, não existe um incentivo para trabalhar esse conteúdo que por sua vez pode trazer diversos benefícios aos educandos: além de expressar ideias, pode apresentar grandes talentos oferecendo outras

possibilidades aos alunos e os benefícios à escola que, por exemplo, pode usar do grafite feito pelos alunos para restaurar os espaços físicos da escola.

Com o elemento musical (rap), o mesmo preconceito acontece, muitas vezes são consideradas músicas “sem conteúdo” enquanto na verdade é no Rap que está o aprofundamento das expressões desses jovens. A partir desse elemento os professores e a escola poderiam tratar de diferentes temáticas dentro da escola. Entretanto, por falta de conhecimento sobre o assunto optam por também não trabalhar esse elemento.

Contudo, apesar das diversas possibilidades que o tema pode oferecer, e no Caderno do Estado de São Paulo haverem orientações para implementação do conteúdo, distribuídos em contextualização histórica e ênfase no *Street Dance*, por muitas vezes os professores não estão, ou não se sentem, preparados para tratar o conteúdo. Pouco se sabe como ocorre, e se ocorre, o desenvolvimento deste conteúdo nas escolas. O *Hip Hop* com o *Street Dance*, costuma não ser ensinado com frequência nas aulas devido à dificuldade dos professores em ministrar esse conteúdo, por não se sentirem confortáveis com o tema (MARQUES, 2010; BRASILEIRO, 2009). Os esportes coletivos ainda são os conteúdos preferidos pois possibilitam o alto rendimento, com isso as modalidades que normalmente são escolhidas são aquelas que propiciam um prestígio social (SOARES et al., 2007).

Percebe-se uma necessidade de apresentar caminhos para que o professor adquira segurança no tratamento desse conteúdo. Nesse sentido, as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) podem ser ferramentas interessantes de apoio pedagógico para a implementação do mesmo.

A mídia pode acrescentar muito no desenvolvimento pedagógico por utilizar imagens, despertando mais atenção nos alunos. Por isso, é importante que as escolas se apropriem desses recursos, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico. “Do quadro de giz aos computadores ligados à internet, passamos por tecnologias das mais diferenciadas que, utilizadas adequadamente, auxiliam no processo educacional” (PEREIRA, 2009, p.3).

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é investigar de que modo o conteúdo *Hip Hop* é desenvolvido por professores de Educação Física que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio a partir do currículo do

Estado de São Paulo, e a partir dessas impressões elaborar um vídeo como ferramenta de apoio para auxiliar no desenvolvimento desse conteúdo.

Esse tipo de mídia nas salas de aula tem um papel importante para os educadores despertando maior interesse por parte dos alunos. Segundo Moran (1995, p.1), o vídeo “aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional”.

É uma alternativa que traz diferentes experiências e sensações dinamizando a aula e trazendo benefícios a aprendizagem dos alunos:

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos (MORAN, 1995, p.1).

2. EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA E HIP HOP

Desde os primórdios o homem já dançava como forma de expressão, era a sua forma de se comunicar tendo em vista que a linguagem não era uma fala articulada, ou seja, a dança é uma das práticas corporais mais antigas, e estava presente em rituais e festas. Qualquer situação relacionada a natureza, podendo variar desde o nascimento até culto aos mortos, envolvia a dança, portanto dançavam para agradecer ou se divertir, mas principalmente para se expressar perante os membros da sociedade em que se estava inserido (MEDINA et al., 2008; NANNI, 1995). Corroborando com tais fatos as autoras Volp, Deutsch e Schwartz (1995), afirmam que antes mesmo de falar, homens e mulheres já dançavam.

A dança é uma manifestação que faz parte da humanidade e se desenvolveu no mesmo caminho da sociedade e com tempo foi se transformando. “Inicialmente, esta manifestação se constituiu em uma expressão por meio da linguagem de gestos e sinais, que gradativamente foi assumindo diferentes ritmos” (DINIZ, 2014, p.23).

Ainda nesse período a dança existia com movimentos despreocupados, não existia ainda a ideia de performance ou rendimento, ela acontecia pura e simplesmente com a relação íntima com as atividades do cotidiano, não havia uma distinção entre a dança e o que ocorria nas atividades do dia a dia, tudo se tornava muito natural. Com o passar do tempo as danças foram evoluindo e se aprimorando, tudo foi se tornando então uma diversão e entretenimento (MEDINA et. al, 2008). No decorrer da história, a humanidade passou a viver em grupos isolados. Surgiram, então, diversas sociedades e cada uma passou a ter as suas próprias danças desempenhando uma função de identificação (BOURCIER, 1987 apud MEDINA et.al, 2008, p.101).

Em relação ao ambiente escolar, a dança inicia sua história na educação brasileira a partir de uma ligação com os exercícios de ginásticas, visando uma prática corporal para um corpo eficiente e forte que aparece junto a tríade “educação moral, intelectual e física” (CHAVES, 2002; BRASILEIRO, 2008). Ainda, segundo Chaves (2002) a dança aparece como uma estratégia de comemorações escolares, mudando um pouco sua vertente nas escolas, entretanto nota-se que a inserção da dança nas escolas esteve baseada em

interesses político-econômicos para uma sociedade que se iniciava processos de industrialização (DINIZ, 2014). Neste contexto a dança ainda era designada apenas as meninas enquanto os meninos praticavam exercícios militares, considerados mais viris.

A dança passa por diferentes transformações na história escolar e foi incluída por lei como conteúdo apenas em 1996, por meio da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, na qual a disciplina de Artes foi designada para tratar das quatro linguagens artísticas que são: as artes visuais, a dança, o teatro e a música. Independente disso, na Educação Física a dança integra a chamada cultura corporal que por sua vez compreende a capacidade de produzir cultura, diretamente vinculadas ao corpo e movimento, se adaptar e reconstruir os conhecimentos ao longo do tempo (DARIDO & RANGEL, 2005).

A dança e a Educação Física podem e devem ter uma relação de contribuição entre si, se tornando muito relevante para ambas as áreas. A dança traz para a Educação Física, através da experiência artística e da apreciação, estímulos que levam os alunos à prática do exercício de imaginação e da criação de formas expressivas. Em contrapartida, a Educação Física contribui com a dança ampliando discussões acerca da corporeidade e a motricidade, atribuindo ao corpo que dança mais sentido, enquanto outras práticas tradicionais privavam estes corpos de sua própria identidade e expressividade (BARRETO, 2008).

Marques (2010) afirma que a linguagem da dança oferece diversas possibilidades para trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural que é presente na nossa sociedade. A partir das variadas experiências dos repertórios dos próprios alunos é possível criar diferentes diálogos e reflexões de temas que os cercam em sua realidade, a autora afirma:

Portanto, na dança também estão contidas as possibilidades de compreendermos, desvelarmos, problematizarmos e transformamos as relações que se estabelecem em nossa sociedade entre etnias, gêneros, idades, classes sociais e religiões (MARQUES, 2010, p.38)

Entretanto, apesar de ser um conteúdo com diferentes possibilidades, no âmbito escolar muitas vezes ele é tratado de maneira superficial, e o preconceito ainda é muito presente quando se fala em ensino de dança nas escolas. Além

dos pais de alunos (gênero masculino) os próprios alunos são criados e moldados a julgar a dança como “coisa de mulher”. Outro ponto é o receio de trabalhar com o corpo, muitas vezes envolvendo questões herdadas da religiosidade. Um aspecto importante é o preconceito em relação a própria arte e artista na sociedade que ainda para muitos é sinônimo de excentricidade, de loucura, criando ideias equivocadas de que trabalhar com o corpo traria algum tipo de insanidade (MARQUES, 2010).

Um grande problema em relação ao tratamento da dança na escola é a falta de conhecimento dos professores sobre esse conteúdo. Além disso muitos professores citam a falta de uma estrutura adequada bem como de materiais. (GASPARI et al., 2006; MARQUES, 2010). Germano (2015), afirma que esse conteúdo ainda é um grande desafio para os professores de Educação Física, necessitando, portanto, de reflexões acerca da formação para que esta prática, assim como outras da cultura corporal, deixe de ser abordada como um elemento de comemoração, pois segundo Marques (2010), mesmo quando presente nas escolas, a dança ainda é vista como reproduções apresentadas em festas de fim de ano.

Entretanto, sabendo dos benefícios que esse conteúdo pode trazer ao sistema escolar é importante que o professor esteja engajado e busque alternativas para o trato da dança. Existem diferentes possibilidades e estilos de dança que podem ser abordados, como dança de salão, danças folclóricas, danças urbanas etc. Partindo da premissa que é importante estar conectado ao universo social e cultural dos alunos, o *Street Dance* elemento da dança na cultura *Hip Hop*, pode ser uma maneira de intermediar as relações entre a dança e os alunos, sendo assim o presente estudo pretende ampliar os repertórios de possibilidades, acerca do *Hip Hop*, a fim de auxiliar a prática pedagógica do professor.

2.1. Um pouco da história do *Hip Hop*

O movimento *Hip Hop* surge nos guetos de Nova Iorque nos Estados Unidos (EUA), aproximadamente em 1960, como um movimento social iniciado em grande parte por negros e latinos. Contudo, para entender o surgimento

desse movimento é necessário compreender o contexto social presente no país naquele período. Na mesma época, nos EUA aconteciam diversos movimentos antirracistas, surgem então grandes líderes mundialmente conhecidos como Martin Luther King e Malcolm X na luta pelos direitos humanos dos negros (COSTA, 2005; XAVIER, 2012; GEREMIAS, 2006), pois nesse período, segundo Pimentel (1997), os americanos ainda seguiam leis semelhantes ao *apartheid*, os ambientes entre brancos e negros eram separados como as escolas, ônibus, bancos etc. e em muitos lugares, os negros não podiam ao menos entrar. Pode-se perceber que na década de 1960, o cenário para os negros nos EUA era de muitos conflitos, lutas e discriminação.

Além disso, o país se envolveu na guerra do Vietnã e entre os soldados da guerra em sua maioria estavam os negros e latinos, que sofreram muito com os preconceitos pelos próprios americanos, pois a mídia dizia terem cometido diversas atrocidades, com isso tiveram muita dificuldade em se reintegrar a sociedade. Sofreram ainda, pelos traumas físicos e psicológicos, muitas vezes estavam mutilados e viciados, como consequência surge a miséria, criminalidade e drogas, tomando conta dos guetos americanos (PIMENTEL, 1997).

Segundo Pimentel (1997), essa situação dos guetos em conjunto com a morte de Martin Luther King abalou as manifestações pacíficas em busca de direitos para os negros. Começam a surgir propostas mais violentas com um maior tom de agressividade, nasce então o chamado “Partido dos Panteras Negras”, grupo que também teve grande influência no movimento do *Hip Hop* (PIMENTEL, 1997; XAVIER, 2012).

Ainda na década de 1960 nos Estados Unidos, além de todas essas mobilizações sociais e políticas, aconteciam também nos guetos uma grande movimentação de estilos musicais, ouvia-se o *Soul* com influências de grandes nomes como James Brown, Ray Charles e Sam Cooke. Posteriormente ocorre o surgimento do *Funk* que era considerado uma modalidade de música negra com uma característica mais agressiva, mas que na verdade, tratava de situações da realidade que os negros viviam, tendo então um caráter mais revolucionário, o que foi muito importante para a conscientização do povo negro na época (HERSCHMANN, 2005; XAVIER, 2012; BARROS, 2013).

Segundo Xavier, foi na década de 1970 que o *Hip Hop* foi finalmente consolidado como um movimento social e cultural, quando um dos precursores do movimento o jamaicano Afrika Bambaataa, estabelece o termo *Hip Hop*, que significa basicamente “balançar o corpo”. Ainda o termo foi inspirado em duas motivações distintas sendo a primeira no sentido de que a cultura do gueto era transmitida de forma cíclica, enquanto a segunda estava justamente na forma de dança da época, ou seja, o saltar (*hip*) com movimentações de quadris (*hop*) (COSTA, 2005).

Afrika Bambaataa nota que a juventude de Nova York está em conflito nos guetos, e que começam a sair do controle, sendo assim ele traz a ideia que esses jovens envolvidos nesses embates poderiam se resolver por meio de “batalhas dançantes”, usando a dança como uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de revolta e de exclusão, tornando-se uma maneira de diminuir as brigas de gangues do gueto. Tais batalhas, que tinham fins apenas de decidir quem dançava melhor, foram trazendo novas oportunidades, tirando das ruas, jovens que tinham grande potencial para a marginalidade (XAVIER, 2012; PIMENTEL 1997; ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001). Corroborando esses fatos, Geremias (2006) afirma que o *break*:

[...]tornou-se um efetivo modo de afastar vários jovens negros da violência e da criminalidade, envolvendo-os em expressões e disputas artísticas, desviando-os, assim, do rumo que já parecia traçado por uma sociedade essencialmente excludente (GEREMIAS, 2006, p.28).

Com as diferentes influências, como as dos soldados combatentes na Guerra do Vietnã, tendo influência da mídia e de diferentes etnias que viviam no subúrbio, os jovens iniciam as diferentes danças e estilos caracterizando então o elemento da cultura dançante do *Hip Hop*, conhecidos como *break dance* e/ou *Street Dance* (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001; XAVIER, 2012). Aqueles que dançavam o Break dance, foram denominados *Breaking boys* (abreviado para *b.boys* ou *b.girls*) pelo fato de dançarem na “batida” da música. Ainda os estilos podem variar de acordo com a música podendo ser o *locking*, o *popping*, o *b. boy* e o *freestyle* (GERMANO, 2014 apud. ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001; VALDERRAMAS; HUNGER, 2009).

Desse modo, criada por jovens, a cultura *Hip hop* vem sendo então um movimento considerado juvenil, se tornando um estilo de vida capaz de mobilizar esses jovens em busca dos seus direitos e confrontando estereótipos de marginalização, mas acima de tudo “o Hip-Hop é um movimento sociocultural, que busca a emancipação e a inserção do negro na sociedade, não como pária, mas como cidadão” (COSTA, 2005, p.92).

O *Hip Hop* tem uma filosofia própria, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades. Colocando-se como um contraponto à miséria, às drogas, ao crime e à violência, o *Hip Hop* busca interpretar a realidade social. Seu objetivo é justamente encontrar saídas e fornecer uma alternativa a população excluída (SOUZA et al., 2007. p. 13).

Com essa característica, o *Hip Hop* foi difundido criando forças nas grandes metrópoles mundiais, com apoio de “grupos que tinham a intenção de propagar os valores e estruturar o movimento para então torná-lo concreto” (BARROS, 2013, p.25).

Com tal disseminação não demorou para que o movimento chegasse no Brasil onde as periferias das grandes cidades já dançavam o chamado *break dance*. Foi na cidade de São Paulo, em meados da década de 1980 que foi consolidado o break no Brasil, os jovens iniciaram a prática em lugares, inicialmente em frente ao Teatro municipal em seguida se mudando para a rua 24 de Maio onde suas galerias ficaram conhecidas como ponto de encontro dos *b.boys*, entretanto pelo fato dos comerciantes reclamarem pela aglomeração no local o *breakers* foram perseguidos por policiais que se justificavam com o argumento que o encontro facilitava para que ocorresse pequenos furtos. Em meados da década de 1980 foi quando alguns *b.boys* começaram a se reunir na Estação São Bento do metrô, e este local se tornou o grande marco da história do *Hip Hop* no Brasil (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001; COSTA, 2005).

A partir de então, a fim de tentar mostrar a cultura para além da estação de metrô os grupos começaram a se unir levando para outros locais tentando alcançar a comunidade. Aos poucos a organização das equipes de *break* conseguiu conquistar a juventude negra de *bailes black*. A partir da participação do movimento nesses bailes foram surgindo aos poucos os outros elementos

como o rap o MC (mestre de cerimônia) e o DJ (*disc-jockey*) (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001).

Com isso, todos esses outros elementos se juntaram a dança, e o movimento social foi amadurecendo no Brasil, sendo difundido pelo país, alcançando também outros estados, principalmente por jovens que acreditam no movimento como uma ferramenta cultural, social e política, mobilizando essa população jovem em busca de seus direitos.

3. A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As tecnologias aparecem na modernidade como um fator de alteração da forma que a sociedade se relaciona, além de promover desenvolvimento científico e tecnológico (BIANCHI, PIRES & VANZIN, 2008). Segundo Sancho (1998) a partir da década de 1990 as TIC aparecem como necessárias para as nossas atividades desde o trabalho até nosso entretenimento. Diante desse consumo exagerado dessas tecnologias o indivíduo precisa ir além do domínio de linguagem oral e escrita, mas agora é também fundamental compreender códigos de linguagem audiovisual e da informática, ter capacidade para “aprender critérios e selecionar e situar a informação, e o conhecimento básico para dar-lhe sentido e convertê-la em conhecimento pessoal, social e profissional” (BIANCHI, PIRES & VANZIN, 2008, p.57).

Essa perspectiva de avanços tecnológicos trouxe uma problemática para as escolas onde se torne necessário uma adaptação e um reorganização, tanto de estrutura como de conteúdo, para atender as demandas provocadas pelas tecnologias. Assim como as instituições os professores precisam também se adequar a essas evoluções trazendo as mídias para suas aulas de forma que seja construído um conhecimento crítico e se torne significativo para a vida de seus alunos, segundo Champangnatte & Nunes (2011):

[...] ao fazer a mediação entre as mídias e os alunos e ao agir de forma crítica sobre a mediação das mídias, o professor pode estar realmente aproveitando as potencialidades que elas oferecem. Possibilidades que vão além de simples ilustração e que podem mediar discussões, críticas e questionamentos ricos para o trabalho da “mídia para educação” em sala de aula (CHAMPANGNATTE & NUNES, 2011, p.31).

Betti (2001) corrobora essa perspectiva, afirmando que o professor deve exercer um papel de mediador entre as mídias e os alunos não negando o uso ou até mesmo ter posição preconceituosa, o professor deve usufruir dos benefícios que as mídias trazem, mas sem abrir mão da exigência de qualidade recusando o que é superficial ou manipulador.

As mídias hoje nos cercam de informações por todos os lados, através de TV, internet, outdoor, rádio, etc. Podemos perceber uma geração muito interessada nessas mídias, e do ponto de vista didático talvez seria importante

se adaptar aos interesses e necessidades desses jovens para que os conteúdos se tornem interessantes e mais próximos a realidade do aluno. Para tal, dentre as tecnologias mais utilizadas nas escolas estão os vídeos, em conjunto com internet e televisão (BIANCHI, PIRES & VANZIN, 2008).

A incorporação de vídeos em aulas de Educação Física pode trazer diversas vantagens, segundo Betti (2001) os vídeos podem motivar debates para a reflexão tratando de assuntos atuais, uma vez que as imagens e recursos gráficos são mais atraentes aos alunos. As produções audiovisuais conseguem dar destaque e importância que, geralmente o próprio professor transmite muitas vezes os alunos não repercutem de maneira satisfatória e ainda os vídeos podem também sintetizar conteúdos podendo substituir aulas expositivas ou textos.

Betti (2001) pontua 3 principais objetivos em que o vídeo pode atingir na educação física escolar sendo: 1) Vídeo como sensibilização: quando se quer introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas e práticas; 2) Vídeo como ilustração: para ajudar a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários desconhecidos para os alunos, trazer realidades distantes; 3) Vídeo como conteúdo de ensino: mostra determinado assunto de forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando sua interpretação; ou de forma indireta, quando permite abordagens múltiplas ou interdisciplinares sobre o tema.

O vídeo pode ser utilizado de diferentes maneiras com diferentes finalidades e o mais importante é que ele deve ser utilizado com finalidade de aumentar um interesse por parte dos alunos perante os conteúdos, portanto os vídeos não devem ser vistos apenas como ilustrativos e sim, aproveitando deste maior interesse, deve gerar discussões contribuindo para a formação de um aluno-espectador crítico (CHAMPANGNATTE & NUNES, 2011).

O uso de tecnologias como o vídeo nas aulas de Educação Física traz uma ligação com a linguagem dos alunos, conectando os conteúdos exibidos nas mídias em que os alunos têm interesse e curiosidade, podendo então discutirlos reconstruindo seus significados e inovando nas estratégias de ensino-aprendizado dos conteúdos escolares (BIANCHI, PIRES & VANZIN, 2008) auxiliando assim tanto os alunos com diferentes informações e acesso aos conteúdos mais significantes para sua realidade, para os professores que tem

um aumento em seu repertório e ainda conseguem uma maior atenção dos alunos, e também para as instituições escolares que irão apresentar um rendimento escolar mais satisfatório.

4. MÉTODO

O presente estudo se caracteriza como de natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa busca ter uma visão ampla daquilo que está sendo estudado, considerando todos os dados da realidade importantes. O ambiente e as pessoas envolvidas no estudo não vão ser considerados variáveis e vão ser observados como um todo. Os dados são descritivos e obtidos no contato direto do pesquisador com a situação, e a preocupação será com o processo em si e não com resultados ou produto. A partir dos descritivos obtidos, podendo ser sobre pessoas, lugares e/ou processos o pesquisador procura compreender e interpretar sinais, indícios, atribuindo sentido a gestos e palavras segundo a perspectiva dos sujeitos (GODOY, 1995; DUARTE, 2002; LUDKE & ANDRÉ, 2014).

A pesquisa qualitativa tem, segundo Ludke & André (2014), cinco características básicas: 1- o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, o que se diz respeito ao envolvimento do pesquisador que deve procurar o maior número de situações em seu ambiente de pesquisa, deve ter um contato direto com o ambiente em questão. 2- Os dados coletados são predominantemente descritivos, onde o pesquisador deve levar em consideração todos os dados da realidade e considera-los importantes, se atentando ao maior número possível de elementos presentes na situação estudada. 3- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; neste ponto o pesquisador deve verificar como o problema se manifesta nas atividades. 4- O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; o pesquisador considera os diferentes pontos de vista do participante, e precisa ter um cuidado ao revelar os mesmos. 5- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, ou seja, o pesquisador não busca comprovar hipóteses definidas antes do início dos estudos.

Partindo desses princípios, esta pesquisa foi desenvolvida por meio de duas etapas:

- Etapa 1: Entrevistas semiestruturadas com professores de Educação Física que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas da cidade de Rio Claro – SP.

- A Etapa 2: elaboração de um vídeo didático relacionado a temática do Hip hop.

4.1 Etapa 1 - Entrevistas

Segundo Thomas, Nelson & Silverman, (2012) a entrevista em estudos qualitativos é o instrumento para fonte de dados mais comum, tendo o formato pessoa a pessoa como o mais prevalente.

A entrevista tem uma vantagem sobre outras técnicas de pesquisa, ela permite a “captação imediata e corrente da informação desejada” (LUDKE & ANDRÉ, 2014, p.39), sendo assim uma entrevista que seja feita de forma correta pode atingir assuntos de natureza pessoal e íntima, pode permitir o aprofundamento de pontos levantados em outras técnicas mais superficiais como o questionário e ainda, pode também atingir uma população que tenha pouca instrução formal por exemplo, onde em outro tipo de investigação provavelmente não poderiam ser atingidos (LUDKE & ANDRÉ, 2014).

Os estilos de entrevistas podem variar sendo altamente estruturados e nesse caso as perguntas são determinadas e fechadas previamente, enquanto o aberto ocorre na forma de conversa. Porém, na pesquisa qualitativa, na maioria das vezes as entrevistas são mais abertas, onde o entrevistador vai fazer as mesmas perguntas a todos os participantes, porém a ordem, as palavras exatas e o tipo de questões podem variar consideravelmente (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Ludke & André (2014) corroboram essa afirmação, indicando que o tipo de entrevista mais adequado são as menos estruturadas, e ainda as autoras afirmam que quando se trata da obtenção de dados com professores, diretores, orientadores, alunos e pais, é mais conveniente abordá-los utilizando um instrumento mais flexível.

É importante ter alguns cuidados ao utilizar esse tipo de pesquisa, para isso o entrevistador precisa ter habilidade e respeito com os participantes. Em primeiro lugar é necessário que estabeleça uma relação cordial com os participantes, criando confiança, pois caso contrário podem não confiar no pesquisador e então não revelam nem descrevem os verdadeiros sentimentos, pensamentos e intenções. Garantir sigilo e anonimato, marcar horário e local de acordo com a conveniência do entrevistado e cumprir os mesmos, são exemplos

de situações de grande importância para se manter o respeito. Ainda o pesquisador deve criar uma capacidade de ouvir atentamente e não forçar o rumo das respostas, mas sim, fazer o entrevistado acreditar que possa falar a verdade (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012; LUDKE & ANDRÉ, 2014).

Entretanto, neste estudo foi utilizado o estilo de entrevista semiestruturada, modelo este mais aberto e flexível, onde foi elaborado um roteiro preliminar contendo sete perguntas de acordo com a necessidade da pesquisa, as quais foram:

1. Você trata do conteúdo de Hip Hop em suas aulas de Educação Física, a partir do currículo do estado de São Paulo?
2. Você aborda todos os elementos apresentados pelo currículo? Justifique.
3. De que maneira você aborda este conteúdo? Aulas teóricas ou práticas?
4. Você prioriza algum elemento? Por qual motivo?
5. Indique suas principais dificuldades para trabalhar com o conteúdo Hip Hop.
6. Aponte quais facilidades você encontra para trabalhar com o conteúdo.
7. Aponte o que você considera como aspectos positivos e negativos da forma como o conteúdo é apresentado no currículo do Estado de São Paulo.

Para registro de dados da entrevista foi utilizado o método de gravação direta, utilizando um aplicativo de “Gravador de Voz” de um smartphone. Esse método tem grande vantagem pois registra todas as expressões orais e preserva para análise posterior, ainda deixa o entrevistador livre para prestar atenção no entrevistado. Alguns entrevistados podem ficar nervosos ao falar enquanto são gravados, entretanto essa dificuldade desaparece logo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012; LUDKE & ANDRÉ, 2014).

Cabe mencionar que este estudo fosse submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, com a aprovação pelo parecer consubstanciado número: 1.436.629.

4.2 Etapa 2 – Elaboração de Vídeo

A partir dos resultados obtidos nas entrevistas, de acordo com as opiniões e colocações pelos professores participantes da pesquisa, tendo em vista a necessidade, facilidade, bem como a utilidade de recursos pedagógicos, optou-se por elaborar um vídeo a fim de auxiliar o professor em suas aulas referente aos estilos que compõe o *Street Dance (Popping, Locking, Breaking e Freestyle)*

A coleta, de imagens e vídeos, ocorreu por meio de pesquisas em sites de busca como “Google” e “Youtube”, e assim foram selecionados de todos os estilos. O material foi organizado bem como o roteiro para apresentar cada estilo e por fim foi feita a edição, utilizando o programa “Sony Vegas Pró 13”.

4.3 Participantes da pesquisa

Participaram deste estudo 8 professores de Educação Física de escolas da rede pública de ensino estadual do Estado de São Paulo, no Município de Rio Claro – SP, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio,

Para facilitar o entendimento, os professores foram classificados pela letra “P” com o número que o corresponde à frente da letra (Ex: P.1, P.2).

Professor	Idade	Sexo	Tempo de Atuação (anos)
1	44	F	20
2	33	F	05
3	35	M	10
4	35	F	10
5	54	M	10
6	56	M	25
7	54	F	25
8	34	M	10

Quadro 1: Dados dos professores participantes.

Dos 8 professores que colaboraram na pesquisa, 4 são do sexo feminino e 4 do masculino. As idades variam entre 30 e 50 anos, sendo que 3 professores têm mais de 50 anos, entretanto, um deles, o P.5, tem um tempo menor de atuação em relação aos professores 6 e 7. Apenas um professor aparece com menos de 10 anos de atuação, 3 acima de 20 anos e 4 com 10 anos. Tanto P.6 como P.7, se diferem um pouco dos outros participantes por se considerarem

mais tradicionais, inclusive em seus relatos usam as expressões como “na minha época” ou “antigamente”.

Tais considerações apontadas por esses professores tem relação com o período em que a perspectiva esportivista, presente na Educação Física, ou tradicional como é conhecida, foi constituída, nas décadas de 1970, 1980 e 1990 (DARIDO, 2012), momento de formação inicial desses profissionais que apresentam relações diretas com essa concepção.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa foi feita uma análise de todo o material coletado por meio das entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e posteriormente transcritas. Segundo Ludke & André (2014), para análise o material deve ser todo organizado, em um primeiro momento, para que sejam feitas divisões em partes e a partir disso relacionar as partes identificando tendências e padrões relevantes. Desse modo, os resultados serão apresentados em categorias, e algumas dessas divididas em subcategorias, para uma maior compreensão, como segue:

1. O *Hip Hop* no Currículo do Estado de São Paulo: utilização pelos professores, aspectos positivos e negativos;
2. Dificuldades para trabalhar com o conteúdo;
3. Facilidades para trabalhar com o conteúdo.

5.1 O *Hip Hop* no Currículo do Estado de São Paulo: utilização pelos professores, aspectos positivos e negativos.

Os 8 professores afirmaram trabalhar o conteúdo de *Hip Hop* usando o currículo do Estado de São Paulo, entretanto, 3 deles (P.2, P.6 e P.7) utilizam apenas o material oferecido pelo Estado enquanto os outros 5 professores declararam fazer uso de materiais complementares e/ou fazerem adaptações de acordo com o que acham necessário, como podemos ver os relatos no quadro a seguir:

Professor	Relato
P.1	<i>“Eu tenho feito tutorial, entro na internet e trabalho com vídeos”.</i>
P.3	<i>“Demos uma passada no conteúdo, com base com o que tinha no caderno, ampliando um pouco utilizando outros materiais como questionários e pesquisa.”</i>

P.4	<i>“Trabalho com o caderno, mas faço algumas adaptações minhas.”</i>
P.5	<i>“Sigo o caderno do aluno mas trago uma literatura complementar, através de pesquisa, informações de sites e vídeos, jornais, revistas e documentários.”</i>
P.8	<i>“Eu uso a lição do caderno e procuro algumas coisas de fora.”</i>

De maneira geral o conteúdo em si é considerado como positivo pelos professores, 3 deles, P.4, P.7 e P.1, consideraram que o conteúdo está suficiente, que é satisfatório e está contemplando as necessidades dos professores. P.4 afirma que:

[...]é importante eles terem contato com essa cultura, relacionar com outras disciplinas, e até questão de ética, cidadania, e de respeitar a cultura do outro, esse conteúdo pode ajudar a trabalhar com isso.

Em uma percepção semelhante P.5 avalia o conteúdo como positivo causando maior inclusão e socialização dos alunos, e que pode ajudar com a inibição presente em muitos nessa faixa etária. Como outro fator positivo, uma das professoras, P.2, enfatiza não precisar de muitos materiais específicos em relação a outros conteúdos.

Deste modo, facilita o trabalho do conhecimento procedimental com esse tema, e tendo em vista a perspectiva desses professores nota-se que a partir do *Hip Hop* é possível trazer em aula também questões atitudinais bem como conceituais, estando de acordo com o que o documento propõe, o “se movimentar”, estabelecendo novos significados e ressignificar experiências que foram vivenciadas, se apropriando da cultura corporal de movimento de maneira crítica (SÃO PAULO, 2008). Conforme Darido e Rangel (2005), ao tratar de conteúdos deve-se englobar os diferentes conceitos, ideias, fatos, processos, valores, atitudes etc, para assim alcançar os objetivos educacionais para além do fazer, e a forma em que o conteúdo de *Hip Hop* está colocado no currículo parece abranger todos esses aspectos.

Aparentemente os professores seguem e utilizam material de apoio, do Currículo do Estado de São Paulo, os cadernos “do professor” e “do aluno”, por outro lado, pelos depoimentos é notável que sentem uma necessidade de outros materiais, que possam auxiliar o trato desse conteúdo, como mostra o Quadro 2. Um dos professores acredita que o conteúdo está muito superficial:

[...] fica complicado, porque é muito superficial, precisaria de outros materiais, como vídeos ou mais literaturas por exemplo, acho que está faltando mais conteúdo no geral. (P.5)

Corroborando com essa perspectiva Barros (2013), em seu estudo constatou que a maneira em que o conteúdo de *Hip Hop* está inserido no Currículo do Estado de São Paulo é muito superficial e o mesmo não oferece um suporte suficiente para os professores criando-se uma dificuldade ainda maior para aqueles que têm pouca ou nenhuma afinidade com o tema.

A partir desse pressuposto, P.3 aborda o problema de sobrecarga de trabalho do professor, afirma que a rotina dentro e fora da escola é muito exigente, e acredita que o currículo deveria dar um suporte maior ao professor:

Eles deixam muito por conta do professor, e aí temos que fazer mágica. A nossa rotina dentro da escola, e fora também, é muito puxada, então falta um respaldo maior, mídias diferentes (P.3)

Outros dois professores colaboram essa afirmação, P.8 declara que o dia a dia dos professores está muito cansativo com uma carga horária de trabalho extensa e aumentando cada vez mais a cobrança sobre eles, com isso não conseguem buscar outras alternativas para auxiliar em seu trabalho pedagógico, como cursos, treinamentos, pós-graduação etc. P.6 acentua que o professor está sendo exigido, porém não tem apoio.

Sabe-se que realmente a rotina dos professores de Educação Física é extenuante, são confrontados diariamente com situações desafiadoras e de estresse, que podem até levar ao extremo que seria a desistência da profissão. São diversos os fatores responsáveis para tal, concordando com a declaração dos professores participantes deste estudo, outros autores apontam esses fatores, dentre eles estão as condições de trabalho, multiplicidade de papéis,

fatores sociais, falta de recursos pedagógicos, sobrecarga de trabalho, entre outros (SANTINI & NETO, 2005; GASPARI et.al. 2006; TOKUYOCHI et.al. 2008; MOREIRA et al., 2009).

Evidenciou-se ainda outro aspecto importante, P.5 acredita que em relação ao material do currículo não aparenta ser elaborado por pessoas que estejam de fato envolvidas com essa cultura do *Hip Hop*. Esta situação parece ser um problema não somente em relação a esse conteúdo, mas relacionado à proposta curricular como um todo a qual foi elaborada por profissionais que desenvolveram um importante e considerável trabalho construindo um bom material, porém os mesmos não estariam próximos a realidade prática, seria necessário e de grande valia uma maior participação de professores atuantes na rede pública de ensino para que fosse mais adequado a realidade das escolas (JUSTO & CORREA, 2012).

5.2 Dificuldades para trabalhar com o conteúdo de *Hip Hop*

Muitas dificuldades para tratar deste conteúdo surgiram nas entrevistas e se diferem bastante entre os professores participantes da pesquisa. Dentre as citadas estão a falta de conhecimento e insegurança com a cultura do movimento *Hip Hop* por parte dos professores; a resistência dos alunos envolvendo a falta de interesse e também questões como inibição; o preconceito que aparece tanto em relação a escola como também das próprias famílias; e o espaço para trabalhar elementos como por exemplo o grafite que parecem ser limitados. Como são diferentes as dificuldades apontadas, a fim de uma maior compressão, o quadro abaixo ilustra cada item com seu relato correspondente:

Dificuldades	Professor	Relatos
1.Falta de conhecimento - Insegurança	P.3,P.4, P.8 e P.2	<i>“A dificuldade na minha opinião é a dança, acho o elemento mais difícil”. (P.2)</i> <i>“A dificuldade maior é não ter a experiência, não ter a vivência com aquilo” (P.4)</i> <i>Eu não tive acesso a cultura, nem na vida e nem na graduação”. (P.8)</i>

2.Resistência dos alunos	P.6, P.8 e P.3, P.1	<i>“Preferem ficar sentados mexendo no celular, não querem fazer nada”. (P.6)</i> <i>“Existe uma resistência a dança, quando se fala nisso fica uma parte de sem fazer”. (P.8)</i> <i>“Para conseguir trabalhar teria que ter um movimento maior, porque eles ficam inibidos de dançar na frente dos outros alunos” (P.3)</i>
3.Preconceito	P.5 e P.2	<i>“Preconceito que vem das famílias e também do corpo docente, que não costuma entender o que é realmente o Hip Hop. ”(P.5)</i>
4.Espaço	P.7 e P.1	<i>“O grafite não tem espaço para fazer, a escola não vai liberar para pintar um muro, por exemplo” (P.7)</i> <i>“Com a dança vamos experimentando isso no corpo, mas o grafite não da, é só papel” (P.1)</i>

Dentre os 8 professores entrevistados todos declararam abordar o conteúdo de *Hip Hop* tanto em aulas práticas como teóricas. Entretanto 5 desses professores afirmam que as aulas em sua maioria são teóricas, tal fato aparece como justificativa relacionada à dificuldade categorizada como a falta de conhecimento e insegurança em tratar o conteúdo, P.8 reforça esse aspecto dizendo:

Esse é um dos pouquíssimos conteúdos de Educação Física que é mais trabalhado na teoria do que na prática, por dificuldade mesmo. (P.8).

Como justificativa também aparece no relato de P.3, que reconhece trabalhar mais na teoria, contudo ele acredita ser viável a prática, mas não conseguiu chegar a um molde em que gostaria, assim como P.1 que para a prática busca outras alternativas como parcerias com pessoas que dominam os elementos do *Hip Hop* para auxiliá-la nas aulas, porém ela encontrou dificuldades em trabalhar com outras pessoas de fora da escola. Outro ponto importante colocado pela P.1 é que muitas vezes a preferência pela aula teórica é por conta da preparação para provas de Vestibular:

Quando você pensa em vestibular ou Enem, ninguém vai chegar e pedir para você fazer um movimento, então sempre falo que eles não podem só pensar na questão procedimental, então trabalho com eles outras dimensões, eles têm que entender também a questão do conceito (P.1).

As dificuldades em relação a formação inicial do professor continuam, P.1 sinaliza o não domínio do conteúdo e então considera que o problema seria em sua formação. Outros 2 professores concordam com essa indicação:

Para um professor que não tem muita experiência nessa área fica difícil. (P.5)

A maioria dos professores precisam de uma formação para conseguir trabalhar esse conteúdo. Não lembro de ter tido nada disso na graduação. (P.8)

Vale ressaltar que, 2 professores citaram preferir não trabalhar com esse conteúdo, P.8 diz acreditar que se existisse a possibilidade de o material ser elaborado por professores atuantes muito provavelmente não teria o conteúdo de *Hip Hop* no currículo.

Se torna um fato interessante a teoria ser priorizada pelos professores, visto que, se tratando do contexto histórico a Educação Física carrega em sua bagagem uma cultura de aulas “tradicionais”, consistindo apenas em uma perspectiva prática, seletiva e de treinamento, entretanto deve-se considerar que já ocorreu uma evolução nesse sentido em que as aulas de Educação Física escolar estão em busca de uma formação mais integral, mais abrangente e qualitativa (DARIDO & RANGEL, 2005).

Em contrapartida, observando os relatos dos professores é notório que a utilização de aula teóricas torna-se uma “ferramenta de fuga” pelo fato dos professores não se sentirem confortáveis ou preparados para a parte prática do conteúdo de *Hip Hop*, e o fator limitante neste caso são as lacunas existentes na a formação inicial desses profissionais. Este fator está intrinsecamente ligado a outros, como a falta de estrutura adequada, a resistência dos alunos, falta de apoio e materiais disponíveis, dificultando o trabalho do professor quando se trata de trabalhar conteúdos considerados “não-tradicionais” como o *Hip Hop* (BRASILEIRO, 2002-2003; GERMANO, 2014).

A resistência dos alunos se relaciona, além da falta de interesse por estarem acostumados historicamente a uma perspectiva esportiva (DARIDO &

SOUZA JÚNIOR, 2007), também à inibição e dificuldade de inserir o público masculino no contexto da dança. Muito são os preconceitos cercando essa situação, os próprios alunos, pais e familiares e a sociedade como um todo ainda consideram a dança como uma prática estritamente feminina (MARQUES, 2010)

Uma outra vertente de preconceito que não pode ser desconsiderada é a que ocorre por parte do corpo docente. Ainda hoje muito professores não sabem do que se trata realmente a cultura *Hip Hop*, não compreendem, portanto, seu contexto e expressividade, muitas vezes veem como uma barreira sem analisar o quanto pode ser significativo aos seus alunos (RIBEIRO, 2008).

5.3 Facilidades para trabalhar com o conteúdo de *Hip Hop*

Todos os professores apontaram ao menos uma facilidade para o trato deste conteúdo nas aulas de Educação Física. Dentre essas facilidades a que mais aparece é a proximidade dos alunos com o tema, como consequência um maior interesse e participação nas aulas, com isso é indicado como um aspecto facilitador por 5 dos 8 professores:

Professor	Relato
P.7	<i>“Eles gostam, ou é por ser novidade ou por já ter uma experiência”</i>
P.1	<i>“O rap por exemplo, eles curte porque faz parte do mundo deles</i>
P.5	<i>“Eles se interessam bastante, é mais próximo da realidade deles”</i>
P.4	<i>“Sempre tenho um aluno que é envolvido com o movimento, é muito próximo da realidade deles”</i>
P.2	<i>“Fazer a rima por exemplo, despertou um interesse em comentar a realidade em que eles vivem”</i>

A proximidade, como mostra o quadro, é o aspecto facilitador que mais aparece nas entrevistas, muito provavelmente pelo fato de que o conteúdo *Hip*

Hop está relacionado às culturas juvenis. Em diversas situações os jovens se mostram resistentes nas aulas, trazer um conteúdo que esteja adjacente a sua realidade pode atrair uma maior atenção por parte dos mesmos, que irão se sentir mais à vontade para participar das atividades (HERSCHMANN, 2005; SÃO PAULO, 2008; GERMANO 2014).

A necessidade de poucos materiais, interesse do público feminino e o debate gerado em torno dessa temática, são outros aspectos importantes que também aparecem. Com relação à promoção do debate, P.8 diz que quando a sala permite o debate é interessante e assim consegue estabelecer relações entre todo o processo histórico do *Hip Hop* e situações atuais tanto políticas, sociais ou educacionais, como a ocupação que ocorreu na escola em prol de melhorias na instituição, relacionando-se também com a questão de proximidade com a realidade dos alunos.

Em relação aos quatro elementos presentes na cultura do *Hip Hop* (música (MC), DJ (*disc jockey*), dança (*break e street dancer*), e Grafite, a dança parece ser preferência, o que se torna um tanto contraditório pois a mesma foi apontada como um fator de dificuldade nas aulas, entretanto dentre os 8 professores participantes 6 à indicam como prioridade. Uma explicação para essa contrariedade pode ser pelo fato de ser o elemento preferido e mais utilizado em aula, logo a dança se torna também uma dificuldade mais aparente, como cita uma das professoras ao enfatizar que tem dificuldade, mas ainda assim opta por dar preferência a esse elemento.

Como justificativa por essa escolha uma das professoras acredita que trabalhar a dança torna os alunos mais adeptos as aulas práticas. P.4 e P.5 concordam, ao declarar que preferem a dança pela questão do movimento e trabalhar com expressão corporal.

Ainda a dança como o *Street Dance* tem uma grande visibilidade em lugares públicos e também em diferentes mídias comuns entre os jovens como em filmes, videocliques e também em espaços como academias, tornando-se algo atraente para os alunos (VALDERRAMAS; HUNGER, 2009; GERMANO, 2014). Germano (2014), em seu estudo envolvendo o *Street Dance*, entrevistou os alunos participantes da pesquisa e encontrou que os procedimentos e ações específicas desta dança foi o mais marcante para eles, afirmando então que

essa é uma proposta viável para se trabalhar dança nas aulas de Educação Física” (p.120).

De acordo com Darido et.al (2001), a dança pode ser uma das “manifestações da cultura corporal” utilizadas para trabalhar temas transversais como a “pluralidade cultural”, afim de conhecê-la e valorizá-la:

No caso da dança isso se daria através da vivência das diferentes danças típicas, dos diversos grupos étnico-culturais que compõem o Brasil, demonstrando assim a riqueza e a diversidade de expressões existentes (DARIDO et.al., 2001, p.18).

A dança como um todo deve ser considerada importante no âmbito escolar, tendo em vista que este elemento pode contribuir para que o aluno conheça suas capacidades e habilidades, como também criar possibilidades com os aspectos de qualidade de movimento auxiliando o aluno a descobrir seu próprio corpo e assim se comunicar por meio da dança (GASPARI, 2005).

O segundo elemento que mais aparece é o “rap” (MC) apontado por 3 professores, que justificam essa escolha pela musicalidade presente e pelo fato da proximidade da realidade, que através das rimas podem se expressar e contar um pouco de sua história. O rap é considerado a parte musical do movimento *Hip Hop*, é nele que se encontram o ritmo e a poesia. Normalmente os *rappers* trazem em suas letras problematizações a respeito de assuntos do cotidiano, violência urbana, moral e social bem como de assunto que remetem a sociedade e famílias (XAVIER, 2012). Ou seja, é um elemento que oferece chance ao aluno de posicionar sobre algo, sobre suas inquietações.

O grafite é priorizado por 2 professores pelo fato de ambos terem encontrado mais facilidade para trabalhar, P.3 coloca ainda que esse elemento não oferece exposição dos alunos:

A gente trabalha muito com elaboração de cartaz, é o mais fácil de fazer, não se expõe (P.3)

Eu achei mais fácil esse ano, talvez pelos recursos da escola, que estão meio difíceis. (P.8)

Por meio da expressão gráfica existe a possibilidade de intervir nos espaços urbanos, podem retratar desde características de sua própria vida até reflexões (XAVIER, 2012). Deste modo, os alunos teriam, com o grafite, um momento para além da criatividade, de se expressar sem se expor, fazendo-se

uma prática positiva para os professores que podem tem uma maior aceitação por parte dos alunos.

Em contrapartida, 3 professores colocam o grafite como o elemento mais difícil para se trabalhar, P.5 e P.7, acreditam que a dificuldade maior está no espaço, na falta dele, enquanto que P.1 o considera até impossível ao afirmar que:

Acredito que eu tenho mais dificuldade no grafite, porque quando você pensa em qualquer movimento você consegue transformar numa dança, então você consegue realizar um movimento. Então para mim o grafite se torna até impossível. (P.1)

O único elemento da cultura não citado como prioridade por nenhum dos 8 professores é o DJ, que acaba até sendo colocado como possivelmente o mais difícil de se trabalhar em aula, como P.1 ao relatar não saber ao certo o que é exatamente, como faz, e não teria material para a prática.

Contudo, muito embora apareçam aspectos relevantes se tratando das facilidades para tratar o *Hip Hop*, aparentemente a dança é consideravelmente favorecida nesse sentido, tornando-se necessária a criação de maiores possibilidades para se trabalhar esse conteúdo a fim de auxiliar a prática pedagógica dos professores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar como os professores abordam o conteúdo de *Hip Hop* de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo. Para atingi-lo foi utilizado um método de pesquisa qualitativo, a partir de entrevistas semiestruturadas com professores atuantes na rede pública de ensino do município de Rio Claro – SP.

A partir das impressões apontadas pelos participantes da pesquisa foi possível constatar que os materiais oferecidos pelo Estado, “caderno do professor” e “caderno do aluno”, costumam ser utilizados pelos profissionais, entretanto os mesmos sentem uma certa dificuldade com o conteúdo, afirmando que este é superficial, o que faz com que busquem outras alternativas para auxiliar no ensino. Constatou-se ainda outras dificuldades relevantes para o trato do *Hip Hop*, como as lacunas existentes na formação inicial, falta de apoio, sobrecarga de trabalho, falta de uma estrutura adequada, preconceito dentro e fora da escola, resistência dos alunos como herança de uma perspectiva de educação física “tradicional”, entre outros.

A falta de conhecimento sobre o tema, resultado das lacunas na formação inicial, foi um aspecto levantado pelos professores, que não se sentem confortáveis em trabalhar com o *Hip Hop* e acabam priorizando a teoria como “ferramenta de fuga”, por não saberem de que forma podem trabalhar a prática, pois se sentem inseguros para isso.

Por outro lado, foi possível constatar algumas facilidades para trabalhar com este conteúdo, como a proximidade do tema com a realidade dos alunos, aspecto mais indicado pelos professores. Esse aspecto está de acordo com a proposta que insere este tema nos conteúdos da cultura corporal de movimento a fim de trazer uma maior atenção e interesse dos alunos, fazendo com que a participação em aula ocorra com maior incidência, quebrando as barreiras existentes entre alunos e prática de determinados conteúdos nas aulas de Educação Física.

Em relação aos elementos da cultura *Hip Hop* propriamente dita, apenas o “DJ” não aparece como preferência por nenhum dos professores, muito provavelmente pela falta de conhecimento e material disponível para trabalhar com esse elemento.

O grafite e o rap aparecem como boas possibilidades, abrindo espaço para a expressividade e criatividade dos alunos, muito embora, alguns professores consideram o grafite como um elemento de dificuldade principalmente se quando se fala em condições de espaço e apoio da direção da instituição, que muitas vezes por preconceito barram essa prática.

Por fim, os professores indicaram que dança é o elemento da cultura que mais aparece, tanto nas facilidades como nas dificuldades. Essa contradição pode ser explicada pelo fato de que os professores preferem este elemento pela facilidade em implementá-lo na prática, por não precisar de muitos materiais por exemplo. Por outro lado, sentem dificuldade por não ter habilidade ou conhecimento, buscando formas alternativas para aplicá-la, através de vídeos, filmes e até convidando terceiros que dominam a dança para dar as aulas.

Portanto, foi possível verificar no presente estudo através das impressões dos professores, que é possível trabalhar o conteúdo de *Hip Hop* nas aulas de Educação Física e o mesmo apresenta diversos aspectos positivos, trazendo muitos benefícios para os alunos. Contudo, ainda existem dificuldades, tornando-se necessária a busca e elaboração de outros materiais para auxílio da prática pedagógica. Além disso, ainda são necessárias novas pesquisas sobre o assunto, para complementar e contemplar as necessidades de professores atuantes na rede pública de ensino.

REFERÊNCIAS

BARRETO, D. **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3. Ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BARROS, M. G. **Hip Hop na escola**: para além da proposta curricular do Estado de São Paulo. 2013. 82 f. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Biociências da Universidade Estadual paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2013.

BIANCHI, P.; PIRES, G. L.; VANZIN, T. As tecnologias de informação e comunicação na rede municipal de ensino de Florianópolis: possibilidades para a Educação (Física). **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 56 – 75, 2008.

BETTI, I.C.R. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz**, v. 1, n.1, p.25-31, 1995.

BETTI, M. Mídias: Aliadas ou Inimigas da Educação Física Escolar? **Motriz**, vol. 7, n.2, p. 125-129, 2001.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Mec/ SEF, 1998.

BRASILEIRO, L. T. O conteúdo “dança” em aulas de educação física: temos o que ensinar? **Pensar a Prática**, Goiás, v. 6, p. 45-58, Jul./Jun. 2002-2003.

BRASILEIRO, L. T. **Dança - educação física**: (in) tensas relações. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CHAMPANGNATTE, D. M. O.; NUNES, L. C. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. **Educ. em Rev.**, Belo Horizonte, v.27, n.03, p.15-38, dez. 2011.

CHAVES, E. **A escolarização da dança em Minas Gerais (1925 – 1937)**. 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

COSTA, M. P. A Dança do Movimento Hip-Hop e o Movimento da Dança Hip-Hop. In: Fórum de Pesquisa Científica em Artes, 3., 2005. Curitiba. **Anais...** Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papirus, 2007.

DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA E SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES NETO, L.; PONTES, G.; CUNHA, F. A educação física, a formação do cidadão e os

parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001.

DINIZ, I. K. S. **Blog educacional para o ensino das danças folclóricas a partir do Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo**. 2014. 215 f. Dissertação (Desenvolvimento humano e tecnologias). Instituto de biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Caderno de Pesquisa. no.115. São Paulo, Março. 2002

GASPARI, T. C. Dança. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coord.) **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p.199-226.

GEREMIAS, L. **A Fúria negra ressuscita**: as raízes subjetivas do hip hop brasileiro. [S.l.], 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/geremias-luiz-furia-negraressuscita.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

GERMANO, V. A. C. **Educação física escolar e currículo do estado de São Paulo**: possibilidades dos usos do celular como recurso pedagógico no ensino do hip hop e street dance. 2015. 160 f. Dissertação (Desenvolvimento humano e tecnologias). Instituto de biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

GODOY, S. A. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip hop invadem a cena**. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

JUSTO, M. R.; CORRÊA, E. A. Proposta curricular do Estado de São Paulo: Educação Física escolar em questão. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 166, p.01-01, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd166/proposta-curricular-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2º ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2014.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEDINA, J.; RUIZ, M.; ALMEIDA, D. B. L.; YAMAGUCHI, A.; MARCHI-JÚNIOR, W. As representações da dança: uma análise sociológica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 99-113, 2008.

MORAN. J. M. O vídeo na Sala de Aula. **Rev. Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, 1995.

MOREIRA, H. R.; FARIAS, G. O.; BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V. Qualidade de vida no trabalho e síndrome de Burnout em professores de educação física do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. bras. ativ. fís. Saúde**. V.14, n. 02 maio-ago. 2009

NANNI, D. **Dança-Educação: Pré escola a Universidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NEIRA, M. G. A proposta curricular do Estado de São Paulo na perspectiva dos saberes docentes. **Rev. bras. Educ. Fis. Esporte**, São Paulo, v. 25, p. 23-27, nov. 2011.

PAES, R. R. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, Dante. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PIMENTEL, S. K. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo, USP, 1997. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Escola de comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

RIBEIRO, W. G. **“Nós estamos aqui!”: o Hip Hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo**. 2008. 2013 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008

ROCHA, J.; DOMENICH, M.; CASSEANO, P. **Hip Hop: a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Rev. Motriz**, Rio Claro, v.11 n. 3, p.167-178, 2005.

SANTINI, J., NETO, V. M. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista brasileira de Educação Física Esportiva**, São Paulo, v.19, n.3, p.209-222, jul./set. 2005.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Proposta curricular do Estado de São Paulo: Educação Física / Coord. Maria Inês Fini**. São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: SE, 2011.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; FILHO, L. C.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, J. V.; FIALHO, V. M.; ARALDI, J. **Hip hop da rua para escola**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 478 p.

TOKUYOCHI, J. H.; BOGOTTI, S.; ANTUNES, F. H. C.; CERENCIO, M. M.; DANTAS, L. E. P. B. T.; LEÃO, H.; SOUZA, E. R.; TANI, G. Retrato dos professores de Educação Física do Estado de São Paulo. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 4, p. 418- 428, 2008.

VALDERRAMAS, C. G. M; HUNGER, D. A. C. F. Professores de Street Dance do Estado de São Paulo: formação e saberes. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3 p.515-526, jul./set. 2009.

VOLP, C. M.; DEUTSCH, S.; SCHWARTZ, G. M. Por que dançar: um estudo comparativo. **Motriz**, Rio Claro, v.1, n.1, p. 52-58, jun./1995.

XAVIER, A. S. **Do hip hop à literatura, da literatura ao hip hop**: vozes da resistência em Ninguém é inocente em São Paulo, de Ferréz. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 2012.

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DO VÍDEO

Estilos de *street dance* (dança de rua).

Locking – Estilo criado por Don Campbell (ou Don Campbelllock, popularmente conhecido) (Figura 1) na década de 70 na cidade de Los Angeles – Estados Unidos. Don Campbell organiza em 1973 sua *crew* (grupo) denominada “*The Lockers*” (Figura 2).

Por efeito das influências dos pioneiros, as roupas de um *Locker* (dançarino de *Locking*) costumam ser divertidas, usam meiões listrados, camisas coloridas, e acessórios como gravatas, colares, suspensórios e chapéus (Figura 3).

O *Locking* é caracterizado por ser uma dança com movimentações rápidas de braços, combinados com quadris e pernas, ao som do funk de artistas como James Brown. As apresentações dos *lockers* são divertidas e cômicas, normalmente apresentam uma interação com o público. Fazem movimentos sorrindo, utilizam as “travas” (*locks*) e fazem gestos como apontar os dedos e bater palmas (Figuras 4 e 5).

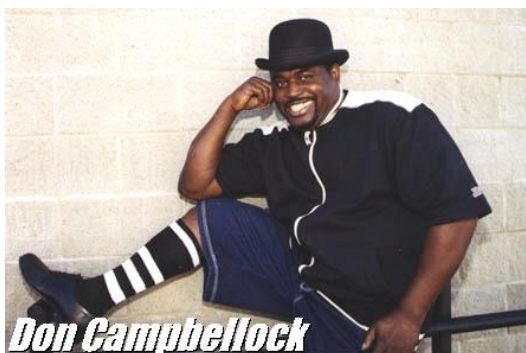


Figura 1.



Figura 2.

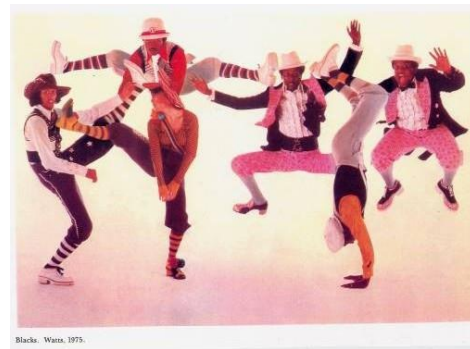


Figura 3.



Figura 4



Figura 5.

Popping – Esse estilo surge com influências vindas do *Locking*, mas surge através da *crew* “*Electric Boogaloos*” (Figura 6) liderada pelo criador Boogaloo Sam (Figura 7).

Tem movimentos parecidos com um robô, mas as contrações dos músculos do corpo simulam uma descarga de alta voltagem sincronizada com a música (Figura 8).



Figura 6



Figura 7



Figura 8

Breaking - Surge na década de 70, desenvolvido por adolescentes, os dançarinos são conhecidos como *B-boys* (*breaking boys*) ou *B-girls* (*Breaking Girls*) chamados assim porque dançam no “*Break*” (batida) da música (Figuras 9 e 10).

Os passos básicos desse estilo são: *Top Rock* - usado na preparação geralmente em pé com bastante intensidade, combinando passos; *Footwork* - movimento utilizando os pés executado no chão; *Freeze* - finalização em forma de congelamento por alguns segundos (Figura 11); e *Powermoves* - movimentos acrobáticos de maneira geral giratórios e continuados.



Figura 9



Figura 10



Figura 11

Freestyle – Surgiu na década de 80 em Nova Iorque nos Estados Unidos na chamada “*Golden Age*” (Era de ouro). Como o próprio nome diz é um estilo mais “livre” com influências de todos os outros.

Hoje é o estilo mais difundido pela mídia. Não é dançada somente no acento rítmico da batida, mas também nas convenções vocais e instrumentais da música. O Estilo se transformou em um instrumento para unir os amantes de música e de dança de todas as nacionalidades. Nessa modalidade é muito comum coreografia em grupo (Figura 12).



Figura 12